

Bodas de Ouro da Ordenação Sacerdotal

P. Armindo dos Santos Vaz

Ao evocar o glorioso 13 de Abril de 1969 (que era domingo de Pascoela), ligo a idade madura à juventude sonhadora e ao latejar da Primavera em Roma, onde a Igreja aparecia rejuvenescida com o concílio Vaticano II. Lá, fui ordenado sacerdote pelo cardeal Pericle Felici, que tinha sido o Secretário-geral do concílio.

Hoje, prestes a entrar na celebração da grande semana litúrgica e da paixão de Jesus, revivo com profundo sentido de acção de graças a graça que então Deus me outorgou para benefício do povo de Deus. Realmente, o sacerdócio – como todos os dons do Espírito Santo – é um **carisma pessoal** para **bem da comunidade** eclesial. Meditemos então estes dois pontos do sacerdócio:

1º. Enquanto **dom** de Jesus Cristo **para o sacerdote**, confere-lhe a bênção para o anúncio da palavra de Deus e da salvação por Ele revelada e oferecida em Jesus. Em concordância com isso, fiz da interpretação da palavra de Deus bíblica a mais intensa actividade ministerial do meu sacerdócio. Tenho o gosto de ser “servidor da Palavra” e realiza-me a leitura docente e orante da Sagrada Escritura. Mas o que mais gozo interior, indizível, me causa é o emprestar as mãos a Jesus Cristo para consagrar o pão e o vinho da Terra, para fazer descer do Céu o pão da vida definitiva e o vinho da salvação para os que seguem o Bom Pastor. Pela imposição das mãos do sucessor dos apóstolos, o sacerdote cumpre e perpetua o imperativo de Jesus «fazei isto em memória de mim». Ter sido incumbido da missão de dizer com o *eu* de Jesus «Isto é o meu corpo... Isto é o meu sangue» dá ao *ministério* do sacerdócio o toque de *mistério* divino. Jesus exerce o seu sacerdócio por meio de um ser humano pecador e envolto na fraqueza. O gesto arrepiante de contribuir para que a Transcendência divina irrompa na imanência humana causa em mim tanto assombro como emoção. Sendo os sacramentos canal de comunicação da graça do Espírito Santo ao crente, o sacerdote, enquanto ministro dos sacramentos da Igreja, proporciona, sobretudo na Eucaristia, um encontro de comunhão com o divino. Povoando a sua solidão com a paisagem contemplada na Palavra de Deus, é arauto do imenso amor divino para com a humanidade, manifestado em Jesus, fundo último em que a nossa vida humana cobra sentido definitivo. Ao celebrar a Eucaristia, não exalta o suplício de um condenado no patíbulo: louva tanto amor de Deus, que em Jesus se tornou humano. Igualmente fascinante é o poder delegado de perdoar o pecado: “Tudo aquilo que desligardes na terra será desligado no céu” (Mt 18,18).

Mas

2º. O sacerdote não é para si próprio. É **dom para o povo** de Deus: é um enviado, ser de mediações: em comunhão com Jesus Cristo, supremo mediador entre Deus e os humanos, indica a verdade das pessoas a si próprias, ligando-as pela Palavra de Deus entre si e com o divino. Abrindo-as ao Mistério, abre-as a Deus, Presença comunicada. Dá testemunho do Deus fisicamente invisível, tornando-o Presente ao contemplativo e orante. Ajuda-o a pensar e a desejar o Infinito, sugerindo-lhe que só no Infinito o finito encontra a sua verdade. Favorece a encarnação do **Infinito** na alma do crente e medeia um encontro original da terra com o céu, coisa que anda perto do encontro com o sentido último da vida. Enquanto mediador, ajuda a dar a verdadeira dimensão às limitações e à sede de transcendência que o ser humano tem. Desperta as pessoas para abrirem janelas onde não há paredes, para se compreenderem em Deus, tomando mais consciência de si próprias. Prega que Deus não é “símbolo de um bordão para cansados, de uma tábua de salvação para todos os que se afogam...” (F. Nietzsche, *O Anticristo*, § 17). Não. O sacerdote prega, pegando noutra palavra do filósofo Nietzsche, que “Deus é um pensamento que torce tudo o que é direito e faz rodopiar tudo o que está firme” (*Assim falava Zaratustra* [Presença; Oeiras 2010] 99-100), isto é, faz desabar as nossas seguranças. O sacerdote aprende e ensina a olhar para as coisas a partir do Alto, sugerindo que, mesmo as mais custosas, estão grávidas de sentido. Com a iluminação que encontra nas sagradas Escrituras, ajuda a compreender os acontecimentos e a iluminar as situações humanas. Não é um funcionário filantrópico – como diria o Papa Francisco. Nem a sua missão é a de oferecer um receituário de comportamento moral, nem regras para atingir a perfeição. É a de favorecer o encontro das pessoas com a alegria brindada pelo evangelho. É a de apelar para a vocação do ser humano à comunhão com Deus, mostrando-lhe que é «capaz de Deus», na expressão de S. Agostinho. Construtor de altos ideais com a Palavra de Deus, encoraja a viver bem na trama da vida, que às vezes é ‘tramada’. É promotor do novo e da inovação, do olhar para o futuro com esperança. Seu drama é ter de ser a mensagem em pessoa, mais eficaz do que ser o papel onde a mensagem está escrita. Não se mede pela sua altura física. Como diria Fernando Pessoa, “é do tamanho do que vê”, com os óculos da fé. Sua missão é apontar o mistério que nos envolve, numa espiral que sobe, sobe e só pára quando toca o Transcendente.

Dom sublime, fascinante missão, a do sacerdote! Falando à gente, sempre toca em flores.

Mas os sacerdotes – avisa S. Paulo – “trazemos este tesouro em vasos de barro, para ficar claro que a excelência do poder é de Deus e não de nós mesmos” (2Cor 4,7). A recente publicação dos escândalos dados por alguns sacerdotes abalou a credibilidade que as pessoas depositavam neles e na Igreja. Realmente, o abuso de menores, transversal a toda a sociedade, é crime horrendo e pecado incomensurável no clero, porque fere o melhor do ser humano: a flor da idade, a sua inocência, beleza, pureza e traumatiza quem tem ainda a vida toda pela frente. Mesmo que os padres não sejam os bons, poderíamos dizer com Nietzsche, o crítico do cristianismo e dos padres: “Por maior que seja o mal que os maus e os detractores da vida possam fazer, o mal feito pelos bons é o pior dos males” (*Assim falava Zaratustra*, p. 253). É verdade: “*corruptio optimi pessima*: a corrupção do óptimo é a pior corrupção”. Contudo, nem este mal nefando deveria levar pessoas a aproveitarem a situação para se apearem da Igreja ou para a criticarem, em jeito de justificação por não ou para não lhe pertencerem. Só quem tem a fé *cristã* assente na areia e não na rocha firme fica abalado e desanima. Os escândalos de poucos não podem assombrar com a suspeita ou com a acusação os 416.000 sacerdotes do mundo inteiro que exercem o seu ministério com honestidade, coerência e até com amor heróico (por exemplo nas missões). Um padre da Igreja não é a Igreja; nem as pessoas «sentem com a Igreja» por causa do padre. Ela está para além dos padres pecadores. É de Jesus, animada pelo seu Espírito de Ressuscitado. E tem nervos de aço. Se superou tantos exames e provas difíceis no passado longo sem soçobrar, é obra de Deus. Nem tem medo do pecado: teme mais o desânimo. E é indispensável na sociedade, para a pôr a olhar para o céu e para fugir à idolatria. Deveria ser exemplar, sim. Mas, realisticamente, nem as instituições religiosas conseguem evitar todo o mal: onde há seres humanos há possibilidade de pecado. Se até no colégio dos doze apóstolos, Jesus foi traído por Judas e por Pedro, porquê tanto alarido pelas fraquezas de pobres sacerdotes?

O que importa é pensar que não vivemos no Vale dos Caídos: vivemos no Monte dos ressuscitados. Nosso grande mal é não vivermos como salvos, respondendo à salvação oferecida por Deus em Jesus. Mais uma vez, tem razão Nietzsche: “Para me levarem a acreditar no seu Salvador, necessário seria que me cantassem melhores cânticos; necessário seria que os discípulos dele [do Salvador] tivessem um pouco mais o aspecto de terem sido salvos... Só a beleza deveria pregar penitência. Pois, quem se deixará convencer por esta tristeza embuçada [que têm algumas nossas celebrações]?” (*Assim falava Zaratustra*, p. 107). Penso então com S. Paulo: “O bem supremo é conhecer Jesus Cristo,

meu Senhor” (Fl 3,8), “o Filho de Deus [que] me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20). Que o amor de Jesus e a sua palavra nos dêem força para resistir a qualquer desânimo e tentação para o mal.

Confio o meu passado de sacerdote à Misericórdia de Deus Pai; o meu presente, ao Amor do Filho; o meu futuro, à graça do seu Espírito. E que a Virgem Maria, Formosura e Rainha do Carmelo, seja padroeira do meu sacerdócio. *Ámen.*